1.º Anno

Numero 2

A PEROLA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás damas vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: A. S. Carvalho
E. Guimarães

Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães

1 de JANEIRO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso . . . . 20 reis

Editor, Gabriel Pereira de Mesquita

A PEROLA e seu acolhimento.

A PEROLA apresentou-se sem autavios e sem fanfarras. Não teve reclames pomposos nem levou arautos na frente. E' como uma planta que nasce na sombra da modestia e procura a luz e calor que a vivifique, no vosso acolhimento benevolo.

Se a quizerdes proteger do furioso embate de contratempos que sempre existem em publicações d'esta ordem. *A Perola* florescerá e poderá muito bem um dia, collocar-se senão superior, pelo menos, a par de outras publicações que por ahi existem.

O segundo numero ahi está.

Quando o vosso olhar avelludado farto da costura que tanto vos cança os dedos mimosos, se dirigir para a pequenina mesa das agulhas, haveis de ver «A Perola» precizamente quieta a contemplar vos, a olhar vos, como que chorando por um, um só raio das vossas negras pupilas, uma caricia, uma só das vossas delicadas mãos.

E não sereis crueis não! Haveis de lêl-a suavemente lendo os versos ingenuos d'um poeta que desfia o rosario das suas perolas por estas paginas, ou chora uma lagrimasita de dor que vos arranca a proza bem delineada d'um contista deliciosamente triste.

Em troca das vossas attenções ir-se-ha melhorando cada vez mais, trajando com mais elegancia, apurando-se com todo o gosto.

Delphim Guimarães

Presta hoje «A Perola» tributo de homnagem a um dos nossos queridos camaradas da redacção, o nosso amigo Delphim Guimarães, um novo em trabalhos titterarios mas que, estudando e dedicando-se deve ser um dia um poeta apreciavel.

Sabemos bem que «A Perola» deveria no seu primeiro n.º estampar o retrato de um trabalhador d'espirito, unica e somente a essa missão devotado, mas temos que, attenta a modestia da nossa publicação, a nossa amabilidade para de qualquer modo melindrar aquelle com cujo retrato honraremos a nossa pobre pagina.

Este foi o motivo que nos levou a inserir o retrato de um camarada de redacção, e, d'entre esses, o escolhido devia ser por certo, o Delphim Guimarães.

Elle não é um poeta em toda a excepção da palavra, não se dedica unicamente ao cultivo das bellas lettras: é um rapaz altamente sympathico, energico, trabalhador, activo, emprehendedor, e sobretudo com algum talento e muito amor á divina arte da Poesia.

Nas horas que o seu trabalho quatidiáno lhe deixa livres, dedica-as o nosso camarada ao estudo que o seu cerebro bem formado aproveita.

D'esse modo as suas producções poeticas por ahi expersas são sempre bem moldadas e bem pensadas, valendo em profundidade e senso moral o que acaso lhes possa faltar em forma poetica ou metrificação.

Escrevemos este pequeno artigo não com o sentido de melindrar, mas sim de fazer justiça, motivo este porque o nosso querido camarada nos deve relevar a franqueza com que escrevemos estas linhas permittindo-nos ao mesmo tempo que o aconselhemos a que continue o estudo porque com perseverança e vontade tudo consegue quem tem no cerebro a divina scentillia da inspiração.

* * *

A linda avezinha!

Em uma manhã primaveril, entraram os primeiros raios do sól no meu airoso quarto de dormir. Levantei-me do leito e fui respirar no meio de um jardim matizado de flôres, uns sentimentos amorosos.

O ar estava quente e agradavel, a natureza risonha e animada, e o tumultuoso mundo jazia submerjido em um socegado e profundo somno.

N'esse momento ouvi um canto melodioso de uma linda avezinha, que com toda a minha seriedade, lhe prestei attenção.

A sua cantiga era pathetica, lamentava os seus amôres, e as suas ternas e melancolicas notas suspendiam os apparecidos raios do sól e intruduziam na minha enternecida alma um suave prazer.

O silencio estava attento, e a primaveril manhã dava ouvidos aos seus melodiosos cantos.

De repente enthusiasmei-me com o delicioso canto da linda avezinha e enterrompi-a com alta vós, exclamando.! . .

- Oh agradaveis musicos da estação primaveril!. . .

Vós que andaes adornados da mais brilhante plumagem, despertaes a manhã com os vossos agradaveis cantos!. . .

Oh!. . inimitaveis avesinhas!. . .

Vós, que sem regra nem compasso suspendeis as vossas meditações no ar e as construis com todas as proporções da arte! . .

Vós, que possuis cada uma, uma quente habitação para n'ella crear-des os ternos fructos dos vossos amores!. . .

*

E assim, como eu escutei attenciosamente o canto da linda avesinha, ella tambem silenciosamente escutava as exclamações dirigidas.

Quando acabei de meditar taes elogios, ella com um impeto de coragem, deu-me a conhecer com uma introducção de um canto seu, que me agradecia as doces e amaveis palavras que prenunciei, e voou por entre o espaço sereno do azulado firmamento.

A.S. Carvalho

*

* *

«Contei a minha dor aos echos dos montados
Gemeram de saudade as rolas nos seus ninhos.»

Martinho de Brederode.

Chorei a minha dôr em noites de luar,
Contei minha tristeza á flôr dos rosmaninhos;
O orvalho da manhã ouvindo me chorar,
Foi cobrindo de pranto a relva dos caminhos.

A branca luz da lua, ao vêr-me soluçar,
Seus raios transformou nos mais ternos carinhos,
A meiga viração chorava ao perpassar
Por entre o arvoredo onde se abrigam ninhos.

Ouvindo aquelles ais as pobres avesinhas
Pipilam tristemente agitando as azinhas!

. . . . . .

Mas se eu um dia ao mundo a minha dôr contasse,

Embora no meu rosto uns traços de amargura
Mostrassem esta dôr que o peito me tortura,
Então, talvez a rir o mundo me escutasse.

Alda Guerreiro

REMINISCENCIAS DO COLLEGIO URSULINO DE COIMBRA

Oh! saudosos tempos do collegio, deliciosa quadra da minha adolescencia, em que o espirito começava a expandir-se-me, á vista das innumeras maravilhas do Universo.

Que formosos me foram esses tempos em que me recreava á vista das poeticas margens

do Mondego, em constante primavera, por entre as quaes o rio deslisa mansamente, e cujo doce murmurio se casa harmonicamente com o trilar das avesitas.

A meiga impressão d'esses tempos abençoados jámais se varrerá da minha memoria.

Quantas saudades sinto por vós, oh! encantadoras tardes em que despreoccupada corria por entre as arvores da cerca, com as minhas amiguinhas do collegio, respirando o ar tepido e perfumado, escutando o suave pipilar dos passaritos recolhendo aos ninhos; feliz épocha da vida, em que as paixões fervidas da mocidade não teem ainda vasado o seu fel corruptor nos juvenis corações, que então se balouçam serenos no Oceano da vida, como os brancos cysnes adormecem tranquillos sobre as aguas.

Quantas vezes, eu fitando a immensidade do espaço, e vendo o firmamento recamado de myriades de estrellas, voei, nas azas do desejo, até esses brilhantes candelabros, suspensos no ether por Omnipotente mão!

Que saudades! Que felizes me foram esses tempos! Ainda hoje, recordando-os, sinto-me envolvida em nuvem de suave melancolia, cujo tenuo vapor condensando-se em meus olhos me deslisa pelas faces. E' que em meu peito não morre a saudade!

Povoa de Lanhoso.

Elvira Arcias

Morrámos

Que importa que eu morra vergado pelo pêso
D'este amôr ardente em que envolvidos andamos?
Eu detesto a vida, dei a morte ao despreso,
Porisso te suplico: —morrámos, morrámos . .

Que importa que morrámos, se o mundo é traidôr,
Se me causa tédio a negra multidão?
Oh! fujámos, fujámos d'este antro d'horrôr,
Corrámos, corrámos á lêda solidão.

Corrámos como loucos para o Campo-Santo,
Mergulhemos o corpo na fria sepultura;
E ahi calaremos nosso amargo pranto,
Crivando c'um punhal a nossa desventura.

Uniremos os corpos borbulhando sangue,
E expiraremos dando um beijo ardente;
Um abraço moribundo, inanime e langue,
Depois, adormeceremos eternamente.

Delfim Guimarães

A todas as nossas gentis leitoras, presados assignantes, collegas e amigos Boas festas e bom anno

METAMORPHOSE

"A' Ex.ma Snr.a D. M. O."

Não tenho sangue azul nas minhas veias; não,
Minha senhora, e sou um paria, um democrata,
De cuja alma anciosa em ondas se desata
A torrente febril da grande revolução.

Não tenho o ar distincto e a compostura exacta
D'um fidalgo de raça, e até na minha mão
Não calça a luva bem e chego á perfeição
De nem saber formar o laço da gravata.

Sou rude e sou boçal, bem vê, minha senhora,
Mas se ao passar por mim a luz transformadora
Dos seus olhos ideaes o rosto me aquecer,

Então, como ao sahir d'um banho perfumado,
Ha-de me ver submisso e ha-de me ver curvado
Como um fidalgo ao pé d'uma gentil mulher.

Albertino R. B.

E' morena a nossa gentil perfilada.

As cômas são negras, negras como o azeviche.

Os olhos d'um castanho escuro, escuro scintilante e abrazador, fascinam n'um arroubamento d'alma o infeliz que, pela primeira vez, cruze com tão feiticeiro olhar.

O corpo de mediana estatura, flexivel e franzino, ondulado soberanamente n'um sussurrar mysterioso do perfumado roupão, assimilha-se ao das nymphas de Pantoja que em momentos de aspiração retratava na téla, suspirando a Musa artistica, a Musa divina da pintura.

E ella é morena, tem cômas negras, os olhos d'um castanho escuro e o corpo flexivel e franzino, como as nymphas que Pantoja retratava na téla em momentos de genio artistico.

GOJVO

A Bibliophila

Conhecia muito bem. Chamava-se Helena, e eu chamava-lhe *Bibliophila*.

Como era linda!...

De cabellos loiros, muito loiros, olhos na flor do rosto, muito galantes, muito encantadores, parecendo mesmo dois rubis, faces um tanto rosadas com uma palidez que lhe dava uma graça anjelica, corpo muito perfeito, muito elegante—Helena assimilhava-se ás virgens do templo de Sion!

A sua vida sorria-se como a rosa ao desabrochar-se para mostrar as mimosas côres das suas petalas!

Seus paes amavam-na e adoravam-na, e ella amava e adorava os livrinhos...

Aos oito annos sabia ler muito bem, e seus paes, pobresitos, tinham muita pena de não poderem gastar mais com o seu aperfeiçoamento escholar. Muito faziam elles, coitados, dar-lhe alguns livrinhos...

Quantas vezes, oh quantas, eu a via com um livrinho na mão, a ler, muito attenta, sem olhar para ninguem, oh quantas vezes a encontrava assim!..

Eu gostava de lhe ir pela porta, para lhe admirar o immenso gosto pela leitura.

Ouvi-lhe uma vez dizer:

—Minha mãe, minha mãesinha, queria um livro muito lindo!...

—Valha-te o Senhor, menina...—respondeu a mãe com um sorriso.—Ja tens tantos e ainda queres mais... Deixa que o pae, logo que possa, dá-t'o... Bem vês, que somos pobres... Se fossemos ricos... oh então terias muitos, muitos...

—Então não se esqueça de mim, mãesinha!..

E, ao proferir estas palavras, abraçou e beijou a mãe.

Que dôr, que abalo não sentiriam estes pobres, se, em sua vida, a inexoravel Atropos lhes roubasse Helena!

*

Helena tinha dezesseis annos. Eu já não lhe chamava *Bibliophila*. Emquanto creança, os livros eram a sua maior paixão; porem, logo que em sua alma nasceu outro sentimento, esse sentimento chamado amôr, que domina os corações mais inflexiveis, começou a esquecer-se dos livros.

Um dia, ia eu a passar por junto de sua casa e vi-lhe aquelles formosos olhos banhados em lagrimas. Ao vel-a assim, parei e, recordando-me dos tempos passados, não pude deixar de lhe dizer:

—Helena! Helena! Se, em vez de amares .. amasses, como outr'ora, os livrinhos, por certo que não chorarias agora!... Mas não pode ser... Adeus, Helena.

—Adeus!...

Ao proferir este adeus, conheci-lhe tanta tristeza, que parecia mesmo dizer-me que não a tornava a ver: porque, alguns dias depois, retirava com seus paes para outra terra.

E ella—coitadinha!—não chorava senão por deixar o seu amôr!...

J. P. de Lima

A louca de Brito

(Inedito)

Prologo

Recuei um passo como que petrificado por um raio.

Oh! maldição...

Mas de repente os meus olhos avistaram entre dezenas de cartas um pequeno manuscripto enrolado, e atado com uma delgada fita.

Peguei n'elle de chofre, e, vacillante, com a luz na mão, retirei-me para o velho escabello, p'r'o negro leito dos meus elevados pensares.

—Agora,—returqui mais socegado—vejámos o que elle diz.

E desatei-o serenamente, pacificamente.

Depois de o ler e reler umas quatro vezes, murmurei tristemente:

—Pobre rapariga! Calcas-te uma vida, vida d'abrôlhos, vida de tormentos!

Mas quem havia de dizer que vós oh santas folhas, estaveis ahi ha tantos annos occultando este romantico segredo para o povo de agora!

Milhares de pensamentos assaltaram-me o cerebro ao reler aquellas commoventes linhas.

Nem mais nem menos que a vida e os amores d'uma desventurada rapariga que, mais tarde, enlouquece, ao ver o seu amante assassinado, por um seu perigoso rival.

Dizia meu avô na sua tôsca leitura que a essa pobre moça lhe chamava o povo do logar a:

«Louca de Brito».

Coitada, bem louca andou!

E eu atirando o manuscripto um pouco commovido para cima da mesa, estendi-me no escabello, adormecendo com a intensão de um qualquer dia, nas horas vagas, redigir e compor essa pequena mas original historia que os meus antepassados escreveram em linguagem rude e guardaram como uma reliquia benzida.

E eu dormia sonhando na «Louca de Brito» emquanto que a chuva açoutava fortemente os vidros das janellas e os trovões rumorejavam além, como canhões disparados em sangrenta batalha.

(Fim do prologo)

Delfim G. da S. G.

(CONTINUA)